

## **A rua e o medo: algumas considerações sobre a violência contra jovens homossexuais em espaços públicos<sup>1</sup>**

**João Bosco Hora Góis<sup>2</sup>  
Thiago Barcelos Soliva<sup>3</sup>**

**Palavras-chave:** Violência, juventude, homossexualidade, espaços públicos, homofobia.

Esta comunicação tem por objetivo discutir alguns aspectos relevantes da violência perpetrada contra jovens homossexuais em espaços públicos. Partindo das narrativas de vida de 30 jovens estudantes da Universidade Federal Fluminense, obtidas em entrevistas individuais realizadas com os mesmos, privilegiamos conhecer as nuances dessa violência. A rua é um espaço onde freqüentemente os jovens entrevistados são alvo de distintas formas de violência, geralmente perpetradas por outros jovens supostamente heterossexuais. A violência que ali ocorre é em geral desencadeada em face a: 1) demonstrações públicas de afeto entre pares homossexuais; 2) situações na quais estão presentes uma ou mais pessoas que destoam das expectativas de gênero associadas ao seu sexo biológico. Além de remarcar a existência de traços extremamente violentos dos espaços públicos, os dados da pesquisa mostram que os entrevistados sofrem uma forte limitação dos seus direitos civis, uma vez que as experiências de constrangimento vividas nas ruas terminam por desencadear em alguns deles um recorrente medo de transitar para além dos domínios domésticos. Isso, portanto, nos coloca de frente com complexas questões em diferentes níveis analíticos e operacionais: o do exercício da cidadania, o da necessidade de aperfeiçoamento das políticas públicas (em particular as de segurança) e o da violação dos direitos humanos das pessoas homossexuais no que tange a igualdade entre os mesmos e os seus pares heterossexuais.

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, realizado em Caxambu- MG – Brasil, de 29 de setembro a 03 de outubro de 2008.

<sup>2</sup> Programa de Estudos Pós-graduandos em Política Social – UFF.

<sup>3</sup> Ciências Sociais – UFF.

## **A rua e o medo: algumas considerações sobre a violência contra jovens homossexuais em espaços públicos<sup>4</sup>**

João Bosco Hora Góis<sup>5</sup>  
Thiago Barcelos Soliva<sup>6</sup>

### **INTRODUÇÃO:**

Este trabalho tem por objetivo discutir alguns aspectos relevantes da violência perpetrada contra jovens homossexuais em espaços públicos. Para tanto, partiremos de um entendimento mais estreito do que são esses locais, tentando situá-los na vida dos jovens pesquisados. Entendemos por espaços públicos os locais que permitem um trânsito contínuo de diferentes pessoas – homossexuais ou heterossexuais -, sendo a rua a expressão mais acabada para a compreensão dessa lógica. Não obstante, a rua é diluída, para efeito de análise, em espaços não tão manifestadamente públicos, mas que por seu caráter de intercessão abrangeria um conjunto de locais reconhecidos por esses jovens e legitimado por seus gostos sociais.

Essa problemática nos insere em questões mais amplas, as quais são constantemente exploradas entre as Ciências Sociais, sobretudo quanto à necessidade de definição desses espaços sociais em planos conceituais específicos. Tais questões se expressam nas clássicas antíteses que opõe a casa e a rua, bem como da definição do que distingue definitivamente o público do privado no conjunto da nossa sociedade.

A preocupação com a delimitação desses espaços sociais não é recente na reflexão soci-antropológica sobre a sociedade brasileira. Em 1933, com a publicação de *Casa Grande e Senzala*, Gilberto Freyre já mostrava uma preocupação singular com o simbolismo implícito nas relações estabelecidas entre o que é característico a Casa Grande e a Senzala (FREYRE, 1933). As relações sociais travadas entre àqueles que freqüentavam, tanto um como o outro espaço, estão permeadas por fortes tensões que marcam dinâmicas sociais específicas quanto a distinção estabelecida nos mesmos. O público e o privado são temas que atravessam essa discussão. O privado como apanágio das relações mais íntimas, que não se atrevem a transgredir os limites da casa; bem como o público, espaço das contradições, são pontos essenciais para a compreensão dos problemas que surgem dessa dualidade fundamental.

A rua e suas adjacências são espaços reconhecíveis pelo seu caráter de circulação e passagem. Tomando por base essa característica, podemos perceber que não apenas o urbano, com suas vielas, becos, praças, largos, ruas e avenidas que dividem a cidade, sobretudo as de grande porte, mas ainda, os espaços de feição pública os quais não estão exatamente colocados ao ar livre, mas que pelo seu caráter circular

---

<sup>4</sup>Trabalho apresentado no XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, realizado em Caxambu- MG – Brasil, de 29 de setembro a 03 de outubro de 2008.

<sup>5</sup> Professor Adjunto do Departamento de Serviço Social (ESS-UFF) – orientador do trabalho

<sup>6</sup> Graduando de Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense (UFF)

oferecem grandes possibilidades de interação entre aqueles que os freqüentam, devem ser reportados com a preocupação semelhante que se impõe à lógica da rua.

Percebemos, então, que as fontes de perigo se estendem pelo urbano, atingindo os mais variados locais. Não incorreríamos em um erro se admitíssemos a idéia de “mancha” para caracterizar o conjunto dos locais onde podem se dar esse tipo de violência. Os estabelecimentos comerciais (bares, boites, lanchonetes etc) e outros locais que mesmo estando fora desse conjunto de “passagens” que delineiam a cidade serão privilegiados nesse estudo, em que tentaremos discutir algumas especificidades desses locais no que tange a violência anti-gay. Partindo das narrativas de vida de 30 jovens estudantes da Universidade Federal Fluminense (UFF), obtidas em entrevistas individuais realizadas com os mesmos, privilegiamos conhecer as nuances dessa violência.

A violência contra homossexuais é um problema cotidianamente vivido pelo conjunto da sociedade brasileira, na qual a negação dos direitos humanos aos homossexuais vem ao longo dos anos se constituindo em um espaço de grandes tensões, sobretudo na esfera pública (ALMEIDA NETO, 2003), em que sujeitos heterossexuais e homossexuais disputam espaços de convívio e, estes a efetivação de seus direitos. Podemos afirmar que apesar dos avanços concernentes aos direitos das pessoas homossexuais, sobretudo com a Constituição de 1988 e o advento da AIDS, ainda convivemos em um ambiente de fortes tensões, que se inscrevem em termos de possibilidades e limites de exercer esses direitos.

Ainda que contando com instâncias nacionais e internacionais, tais como as secretarias e subsecretarias de direitos humanos espalhadas pelo país e os movimentos de defesa dos direitos dos homossexuais, tais como organizados na ABGLT<sup>7</sup>, bem como de leis criadas a partir da necessidade de atender as demandas apresentadas por essa população, tais como a Declaração dos Direitos Sexuais<sup>8</sup> e a própria constituição, a sociedade brasileira encontra-se ainda refrataria a possibilidade de conferir as pessoas homossexuais *status* de cidadania.

São freqüentes os episódios de violência contra as pessoas homossexuais em locais de acesso público, expondo esses indivíduos a situações de risco e a violação dos seus direitos humanos. Esses episódios ficam evidentes em situações em que a intolerância é a principal marca dos crimes perpetrados contra os mesmos. Essa intolerância se expressa em situações-limite como podemos perceber no caso mais recente ocorrido na cidade de Niterói, em que um jovem homossexual de 19 anos, Ferruccio Silvestro foi agredido quase até a morte por três rapazes de classe média. Em entrevistas concedidas a diferentes jornais, o rapaz relatou que seus algozes só teriam aplacado seus anseios de ódio quando o mesmo desmaiou. Eles só teriam ido embora

---

<sup>7</sup>A Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Travestis e Transexuais (ABGLT), foi criada em 31 de janeiro de 1995, com 31 grupos fundadores. Hoje, essa instituição é uma rede nacional que agrega 203 organizações, sendo 141 grupos GLBTTs e mais 62 organizações colaboradoras voltadas para os Direitos Humanos e AIDS, figurando como o maior aglomerado do gênero na América Latina (informações do site).

<sup>8</sup>Os chamados Direitos Sexuais foram adotados durante o XIV Congresso Mundial de Sexologia, ocorrido em Hong Kong (China). Sendo sancionados pela World Association for Sexology, esses direitos prevêm medidas que valorizem a sexualidade como elemento essencial dos seres humanos. Sendo assim, os direitos sexuais seriam compreendidos como direitos humanos universais baseados na liberdade (Movimento D'ELLAS).

por pensarem que o rapaz estava morto (O Globo, 06.12.2007).

A rua é um espaço onde freqüentemente os jovens entrevistados são alvo de distintas formas de violência, geralmente perpetradas por outros jovens supostamente heterossexuais. A violência que ali ocorre é em geral desencadeada em face a: 1) demonstrações públicas de afeto entre pares homossexuais; 2) situações na quais estão presentes uma ou mais pessoas que destoam das expectativas de gênero associadas ao seu sexo biológico. Além de remarcar a existência de traços extremamente violentos dos espaços públicos, os dados da pesquisa mostram que os entrevistados sofrem uma forte limitação dos seus direitos civis, uma vez que as experiências de constrangimento vividas nas ruas terminam por desencadear em alguns deles um recorrente medo de transitar para além dos domínios domésticos. Isso, portanto, nos coloca de frente com complexas questões em diferentes níveis analíticos e operacionais: o do exercício da cidadania, o da necessidade de aperfeiçoamento das políticas públicas (em particular as de segurança) e o da violação dos direitos humanos das pessoas homossexuais no que tange a igualdade entre os mesmos e os seus pares heterossexuais.

### **ASPECTOS METODOLÓGICOS:**

Entendendo a novidade que essas investigações representam dentro dos estudos de gênero no Brasil, partiremos das narrativas de vida desses jovens na tentativa de compreender a lógica subjacente a esse tipo de violência. Essas narrativas ganharam vida, em larga medida, pela convivência assídua com esses jovens que nos possibilitou entrar no cotidiano universitário dos mesmos nos revelando um conjunto de significados num processo de procura do que Malinowski (1978) chama de os *Imponderáveis da vida real* (MALINOWSKI, 1978), ou seja, toda a riqueza de informações que somente a convivência com o grupo possibilita registrar.

Para tanto, foram realizadas 30 entrevistas entre 06 de dezembro de 2006 e 22 de junho de 2007, essas entrevistas tiveram duração média de uma hora cada com algumas variações pontuais. Tendo como eixo central às experiências de violência, entendidas como expressões da discriminação e exclusão, essas entrevistas foram gravadas, transcritas na íntegra e depois submetidas à análise. Vale ressaltar, que essa pesquisa não pretende ser uma investigação quantitativa desses jovens em termos de suas experiências de violência em espaços públicos, mas antes construir uma análise qualitativa com os relatos coletados, de forma a subsidiar a problemática da violência perpetrada contra a juventude homossexual.

Em relação à escolha dos informantes, os mesmos foram selecionados entre o corpo discente da Universidade Federal Fluminense (UFF)<sup>9</sup>, de acordo com critérios

---

<sup>9</sup>A UFF foi criada em 18 de dezembro de 1960 pela Lei n.º 3.958. Hoje essa universidade representa a segunda maior instituição de ensino superior do Estado do Rio de Janeiro. Está dividida em escolas, faculdades e institutos espalhados pela cidade de Niterói. Possui, ainda cursos em municípios como Campos, Rio das Ostras, Angra dos Reis etc. Os cursos oferecidos na cidade de Niterói estão dispostos majoritariamente em três campi onde estão concentradas a maior parte de sua estrutura – Campus do Gragoatá, Campus da Praia Vermelha e Campus do Valonguinho.

etários estabelecidos pelo IBGE, em que a juventude é compreendida entre sujeitos de uma faixa etária que se estende dos 15 aos 24 anos de idade.

Todos os entrevistados foram previamente informados dos objetivos da pesquisa, sendo a identificação dos mesmos, realizada por meio de codificação simples, onde o nome verdadeiro do informante foi ocultado por uma classificação mais genérica que freqüentemente irá aparecer no fim dos relatos encontrados no corpo do texto. As análises foram realizadas em função do conjunto das narrativas, não oferecendo, com isso, a possibilidade de uma identificação qualquer com o informante ouvido.

Com relação à estrutura das entrevistas, seguimos a orientação de um roteiro previamente elaborado, pautado em discussões realizadas em torno dos objetivos centrais da pesquisa, como podemos observar abaixo:

- 1- Examinar as percepções de gays e lésbicas sobre a violência que sofreram;
- 2- Identificar qual o tipo de violência sofrida;
- 3- Identificar quais os ambientes onde ocorreu a violência;
- 4- Examinar as reações e respostas à violência;
- 5- Identificar os agentes perpetradores;
- 6- Identificar as pessoas que forneceram apoio a essas vítimas.

Cabe ressaltar, no entanto, que o roteiro utilizado na orientação das entrevistas não inviabilizou o diálogo entre os respondentes e o entrevistador, haja vista, serem os mesmos os responsáveis pela circulação de informações mais variadas, servindo o roteiro apenas como um eixo para o direcionamento dos assuntos a serem tratados.

É sabido das barreiras operacionais de uma pesquisa que toma para si como objeto de análise a sexualidade, por lidar com temores e tabus – como desejos eróticos –, questões pouco exploradas pelos campos de conhecimento, mesmo entre as ciências humanas, tais como a intimidade e o domínio do privado. No entanto, a utilização das redes sociais construídas em torno desses jovens possibilitou a inserção dos pesquisadores nos grupos de amigos dos mesmos dentro da universidade facilitando, assim, o acesso aos informantes, que se deu através de indicações dos próprios entrevistados ao pesquisador.

No decorrer do trabalho nos deparamos com diferentes questões quanto a coleta das narrativas dos informantes e as formas como os mesmos lidavam com a idéia de ter suas intimidades “invadidas” por perguntas que reavivavam experiências passadas e, algumas vezes, depositárias de sentimentos sofríveis. Muitos informantes narraram a dificuldade em falar sobre episódios que marcaram tanto suas histórias de vida.

A resistência desses jovens em relação às entrevistas pode ser percebida pelo alto grau de remarcações ocorridas no decorrer do período de coleta de dados. Em algumas situações foi preciso duas remarcações após o primeiro agendamento. Mesmo estando previamente avisados em relação a presença do gravador, muitos informantes mostraram-se preocupados com as percepções dos entrevistadores em relação a eles, do vocabulário utilizado, e mesmo com o conteúdo das informações, sendo comum entre as falas a pergunta: ‘isso vai ser gravado?’.

Em outras situações, alguns informantes mostravam-se visivelmente nervosos com as perguntas feitas pela pesquisa, mostrando um comportamento que combinava nervosismo e o prazer de ter superado suas experiências negativas. Alguns falaram as mais variadas coisas, lembranças de uma vida marcada pela violência; outros optavam

por respostas fechadas que dificultava o avanço do diálogo, talvez numa estratégia de proteção de si mesmo por meio da tentativa de esquecimento de um passado de sofrimentos ainda não superado.

Todos esses pontos atentavam para o fato de quanto esse contexto hostil marcou de forma decisiva a vida e as escolhas de nossos jovens. Mesmo com essas limitações colocadas à pesquisa, conseguimos um conjunto de relatos e situações que são de suma importância que ajudam a compreender as mais distintas nuances presentes no cotidiano desses jovens.

## **A RUA COMO LOCAL DE PERIGO**

A realidade social vista como uma casa dividida internamente entre cômodos, que são divididos por paredes, que são transpassadas por portas é uma metáfora fundamental nos revelada por Van Genep (1906) para pensar o conjunto dos rituais que cercam a vida em sociedade. Pensando as relações sociais pelos olhos desse autor, podemos percebê-la como um conjunto ordenado de relações que possuem uma temporalidade específica e espaços sociais definidos por padrões culturais. Nesse sentido, um neófito que ainda não possui da sociedade os ensinamentos necessários que o definam definitivamente como membro desse corpo social, está a margem do sistema que compõe a mesma. Portanto, está numa relação liminar que o deixa exposto a uma série de interdições em relação ao conjunto do sistema de crenças dessa sociedade, esse sujeito é alvo de constantes perigos que devem ser evitados como forma de preservar a existência da própria sociedade.

O perigo é o elemento central que faz com que esse neófito se defina em relação ao todo social. As margens, aquilo que está nos interstícios da sociedade é fonte de medo por seu poder não passível de controle por esta. Tudo que está na margem é perigoso, entrar em contato com esses poderes pode levar os violadores a pesadas sanções impostas para aplacar o medo da desordem levado a cabo pelo grupo (Douglas, 1966). Em nossas sociedades, esses sistemas simbólicos são acionados pelos medos que se expressam em relação a rua em contraste a casa. A rua é o local de perigo, lugar-comum da contradição, onde é possível a ocorrência de encontros e desencontros. Nesse espaço a bicha, para fins desse estudo, é objeto de escárnio e pancadas.

A história nos mostra que a rua é um plano de amplas tensões envolvendo homossexuais em diferentes momentos históricos. Das incursões do delegado Richetti (Fry, 1984) às situações de violência nos dias atuais em locais públicos, os homossexuais estão constantemente submetidos aos perigos que sua presença desestabilizadora das percepções de ordem pode ensejar. Sendo assim, partiremos de um entendimento da rua como esse local de perigo, onde nossos jovens têm suas possibilidades de interação interceptada por ações em que o ódio, o medo e a intolerância se misturam para modelar a violência.

Considerando a contingência dos espaços públicos que servem à violência anti-gay, podemos afirmar que esses espaços abrigam formas de violência específicas que em larga medida se misturam para concatenar um objetivo comum, o ódio e o repúdio aos homossexuais. A violência física e psicológica são os principais meios para se chegar a esse objetivo.

Assumimos aqui a caracterização atribuída por Day (2001), em que a violência física “*ocorre quando alguém causa ou tenta causar dano por meio de força física, de algum tipo de arma ou instrumentos que possa causar lesões internas, externas ou ambas*” (DAY, 2003). Podemos perceber que dentro desse quadro estão englobadas as agressões físicas e suas expressões mais marcantes, nas quais o corpo da vítima é o *locus* de ação do perpetrador.

A comunidade gay sofre de uma forma geral, os reflexos dessa modalidade de violência, como pode ser percebida nos levantamentos produzidos por Carrara (2004) em algumas capitais brasileiras. De acordo com o autor, a agressão física aparece como forma visível de violência em cerca de 20% das respostas dos participantes das Paradas do Orgulho (CARRARA, 2004). Em nossa pesquisa, podemos observar que essa forma de violência esteve presente na experiência de vida de quase todos os informantes, corroborando assim os dados levantados por Mott e Cerqueira (2003) que mostram que as principais vítimas de ações violentas contra gays, não somente, mas principalmente das agressões físicas, são sujeitos mais jovens.

Outrossim, as agressões verbais, bem como as agressões físicas são facilmente discerníveis no cotidiano de milhares de homossexuais brasileiros, principalmente entre os mais jovens. Essas formas de violência estão diluídas por toda a sociedade e podem ser sentidas nos mais variados espaços e grupos sociais de pertencimento. Como podemos perceber no relato abaixo, para além dos constrangimentos provocados pelos xingamentos comumente atribuídos aos jovens de comportamento marcadamente destoante do restante do grupo, essa forma de violência é uma das grades responsáveis pela propagação de imagens estereotipadas da homossexualidade, agenciando, dessa forma, o crescimento de comportamentos de trato homofóbico.

(...)“*e ele estava conversando, acho que com a namorada dele, né, e...aí ele cismou comigo e falou assim “o que foi viadinho”, né, “o que você ta...ta escutando o que?” e eu não estava nem aí, não estava nem prestando a atenção na conversa dele nem nada*” (...) (C.)

Um outro tipo de violência que comumente aflige os homossexuais é aquela de natureza psicológica. Ela pode ser descrita como “*Toda ação ou omissão que causa ou visa causar dano à auto-estima, à identidade ou ao desenvolvimento da pessoa*” (DAY, 2003). Nos espaços de domínio público esse tipo de violência é constantemente operacionalizada por meio das agressões verbais e das ameaças de agressão. Concorrem como atores desse tipo de violência, pessoas as mais distintas – desconhecidos, vizinhos, colegas, parentes distantes etc - que por meio de xingamentos e atitudes preconceituosas agridem esses jovens para além das fronteiras do portão de casa.

Uma característica marcante desse tipo de violência é a capacidade que ela possui de, pelo uso da palavra, difundir visões de mundo, representações e sentimentos negativos que visam gerar humilhação e desprezo (CASTRO, 2004). Os poucos estudos disponíveis com grandes amostras de homossexuais evidenciam que esse é um outro tipo de violência comum entre eles: 62,8% dos homossexuais que foram a parada gay de São Paulo em 2005 reportaram já terem sido assim vitimizados (CARRARA ET COLS, 2006). Entre os nossos entrevistados ela também foi recorrente e se manifestou de diferentes formas como fica visível nas falas abaixo.

Fica evidente, por meio dos relatos, o lugar da rua como espaço privilegiado de ocorrências de violência. Vale ressaltar, no entanto, que um maior cuidado em função dessa delimitação de espaços deve ser tomado, para que possamos qualificar de forma mais apropriada os contornos dessa violência. Estando fora dos limites da casa, os estabelecimentos comerciais devem ser pensados como locais diferenciados, como já esclarecemos anteriormente, por envolverem formas de abordagem e enfrentamento distintas, com podemos ver no relato abaixo:

*(...)“no shopping, no Plaza eu tava com um cara, a gente tava ficando aí o segurança veio falar com a gente, porque as lojistas tinham interfonado pra ele, porque a gente estava constrangendo os clientes. A gente deve ter dado, sei lá, dois beijos naquela área do chafariz, e não tava nem se encostando, tinha um casal quase transando do lado, mas era um casal hetero”. (T.)*

Como pode ser percebido na narrativa acima, os jovens homossexuais são freqüentemente submetidos a situações de constrangimento e violação de seus direitos essenciais, tais como o de ir e vir, legitimado pela Constituição de 1988. Não obstante, essas situações são distintas das que ocorrem na rua, propriamente dita. A incorporação de um comportamento manifestadamente feminino por si só, não reflete numa interdição para o livre trânsito em estabelecimentos comerciais, portanto não passível de maiores constrangimentos por parte de atores envolvidos nesse espaço, como os seguranças.

Como pode ser evidenciado, as interdições são colocadas em função de situações muito específicas, em que as trocas afetivas entre pares homossexuais se colocam como problemas de ordem pública, submetendo as práticas comumente travadas por casais apaixonados em situações de perigo social, quando estas são manifestadas por pessoas do mesmo sexo biológico.

Com relação aos agressores, podemos identificar como agentes da violência anti-gay, todo o autor que esteja diretamente envolvido no cometimento de atos violentos, sejam eles de natureza física ou psicológica, contra outros tão somente em função de sua orientação sexual ou identidade de gênero.

O esquema agente/vítima está sempre atravessado por uma relação de poder e dominação. E essa relação é ainda mais nítida quando são pessoas mais jovens que corporificam essas vítimas. Percebemos que essas pessoas que agridem, principalmente nos casos das agressões verbais são, em muitas situações, pessoas desconhecidas da rede social da vítima, fato que nos autoriza a constatar que essa violência se estabelece eminentemente no campo da impessoalidade.

Não obstante, a rua não é apanágio apenas de pessoas estranhas que batem e xingam pelo simples fato de entrar em contato com a desordem que o homossexual pode provocar nas suas tradicionais percepções sobre gênero e sexualidade. O bairro e as suas cercanias, assim como o conjunto das pessoas que compõe o círculo de personalidades facilmente discerníveis do universo de relações desses jovens são, ainda lugares que oferecem verdadeiro perigo aos jovens pesquisados, com podemos perceber no relato que segue:

*“No bairro eu não conseguia construir amizades sólidas já por causa disso assim. Eu era já tachado por antemão. Meu bairro eu nunca construí amizade e até hoje eu não tenho amizades. O meu bairro é pequeno, os meus amigos do bairro são os amigos da escola que se tornaram amigos de vizinhança”. (T.)*

Como pode ser visto acima, a vizinhança, esse grupo, que do lado de fora do portão, se apresenta em termos de possibilidades de sociabilidade, oferece ainda, em contrapartida grandes conflitos que se instauram em função de uma suposta homossexualidade presente nos corpos. A vizinhança é um local que transgride a lógica imanente as relações que engessam a rua e a casa em pólos opostos por natureza. De acordo com Mello et all. em estudo realizado no bairro do Catumbi no Rio de Janeiro, os traços distinguíveis da casa e da rua não são tão antitéticos assim quando comparada a relação travada pela vizinhança (MELLO ET ALL, 1985q). Nesse local acionamos sentimentos que estão mais de acordo com as percepções que fazemos de nossos lares, num esforço de trazer esse ambiente para dentro das fronteiras da casa.

Quando perguntados pelos autores mais freqüentemente envolvidos nessas situações de violência nos espaços públicos, os informantes foram taxativos, ao caracterizarem em unísono os homens como principais algozes em situações de agressões, como notamos no relato abaixo:

*(...) “majoritariamente masculino, né, por que eu acho que é quase um...um pré-requisito, o preconceito vem de que gênero, masculino, por que as meninas não são...existem, as que fazem isso, as que também falam, criticam, que questionam, mas isso geral...normalmente vinha de outro garoto, eles são os que mais se incomodam” (E.).*

O incômodo causado pela presença de um homossexual é o primeiro e principal motivador dos atos de violência e repúdio em ambientes de acesso público. Aqueles que expressam em suas condutas um comportamento marcadamente feminino estão ainda mais expostos ao risco de rechaço e ter seus corpos marcados pela intolerância. Como fica manifesto na fala acima, a violência anti-gay possui um gênero perpetrador incontestável – o homem. O ódio e o medo se combinam para tornar esse sujeito palco de posturas preconceituosas e de atitudes cruéis em relação ao ‘outro’.

Como vimos a rua no urbano é o espaço da contradição por excelência, onde diferentes grupos se encontram em conflito. Não seria diferente com esses jovens que vêm seus conflitos subordinados em termos de suas preferências sexuais que podem ou não se expressar obviamente. Podemos perceber que crescem cada vez mais o número de grupos agregados, cujo escopo de sua solidariedade é tão somente o ódio aos

homossexuais. Os *Skinheads*, os grupos de carecas como ficaram notabilizados pela imprensa escrita, são a principal expressão dessa organização das práticas homofóbicas nos grandes centros urbanos, como vem sendo mostrado pela mídia em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo (Folha de São Paulo, 07.02.2000).

A presença de seus associados é facilmente detectável em função dos símbolos que se utilizam e do comportamento extremamente agressivo que partilham. Esses sujeitos entre 15 a 30 anos, com muitas tatuagens espalhadas pelo corpo, carecas e de cor branca, que muito das vezes são exímios lutadores de artes marciais frequentam a noite com o único intuito de ‘caçar’ segmentos sociais que não estão de acordo com os seus padrões de normalidade, sobretudo negros e homossexuais (Revista A Capa, 18.01.2008).

A morte do adestrador de cães Édson Neri em São Paulo em 06 de fevereiro de 2000 é um exemplo incontestável da crueldade desses jovens. Segundo informações de jornais à época do caso, Edson teria sido espancado até a morte por um grupo de jovens na Praça da República, Centro de São Paulo. Cinco rapazes participaram do episódio, em que o jovem adestrador foi morto a socos e pontapés (Folha de São Paulo, 07.02.2000). Ainda que não admitida a participação desses jovens no caso Ferruccio, tal como narrado acima, percebemos que a violência organizada contra os jovens homossexuais na rua não se restringe aos *Skinheads* Grupo de carecas, mas que está difundida na sociedade em diferentes ações.

A porta da boite e dos lugares de frequência incontestavelmente homossexual são espaços altamente visados por esses grupos, por apresentarem a possibilidade de identificar e aniquilar as suas vítimas de forma mais eficiente. Esses espaços passam de lugares de entretenimento para locais de angústia entre os jovens homossexuais, que vêem suas possibilidades de interação interrompidas pela falta de segurança.

*(...) “eu estava com um amigo e duas amigas perto de uma boite gay e...eles passaram e me bateram com o pé de pato nas costas, no carro...e gritaram alguma coisa preconceituosa do gênero, não me lembro o gênero mais ou menos”. (E.)*

Percebemos mesmo que os algozes dessa forma de violência utilizam-se da rua e de suas potencialidades para desenvolver estratégias de punição as suas vítimas com o único intuito de mostrar o repúdio aos homossexuais. Essas estratégias chegam mesmo a casos de simulação de interesses eróticos por parte do perpetrador em relação a vítima, como podemos observar no relato abaixo:

*(...) “eu estava numa festa e fiquei com um cara e depois...e o cara me agrediu, o cara não queria ficar comigo e tal, mas assim, eu reagi e tal, mas aquilo na época me feriu bastante, eu fiquei bem chateado, fiquei um*

*tempo sem querer sair e tal, fiquei meio recluso”. (T.)*

Nessas situações, a visibilidade, leia-se o reconhecimento público da homossexualidade no ‘outro’, é o ponto-limite que separa os “cidadãos” dos “não-cidadãos”, traduzindo-se entre outras formas pelo uso indiscriminado da violência. Essa relação de alteridade marcada pelo não reconhecimento do outro enquanto sujeito de direitos produz efeitos objetivos que extravasam a subjetividade e trazem marcas indeléveis que concorrem para a construção de uma identidade homossexual positiva, como podemos ver no relato abaixo:

*“Eu me sentia realmente um mostro, né, que ela falava tanto que eu era um mostro, que eu era um mostro” (...) (C.)*

Podemos perceber, ainda, o quanto o contexto violento contribui para a construção de uma identidade deteriorada (ARAÚJO, 2004), marcando de maneira decisiva o jovem homossexual e suas escolhas individuais. Os estados metais (solidão, depressão, sofrimento etc.) produzidos por esse processo são os resultados mais imediatos e destrutivos para a promoção desta identidade.

A violência contra os homossexuais gera, ainda, um sentimento de medo e de descrença nos aparelhos do Estado responsáveis pela manutenção da ordem. Essa descrença reverbera sobremaneira, no baixo número de casos registrados nos órgãos competentes, como bem salienta Carrara (2003; 2005; 2006) em pesquisa realizada em grandes cidades brasileiras. De acordo com esse autor, o recurso à denúncia, quando constatada a violência é ainda muito precário entre os segmentos atingidos, incluindo os jovens pesquisados.

Uma das principais conquistas obtidas com o avanço do Movimento Homossexual nos últimos anos, sobretudo em grandes cidades como o Rio de Janeiro e São Paulo, foram os serviços de atendimento a pessoa homossexual vítima de violência. Uma iniciativa pioneira promovida na cidade do Rio de Janeiro foi o DDH<sup>10</sup> (Disque Defesa Homossexual). Esse serviço dispõe um canal de contato direto por meio de uma linha de telefone que capta informações acerca de situações de violência contra as pessoas homossexuais. Através das denúncias efetuadas por esse serviço de atendimento no Estado do Rio de Janeiro são obtidas estatísticas consolidadas sobre violência anti-gay no Estado (RAMOS, 2005).

Assim como o DDH, outras medidas importantes vêm sendo adotadas a nível estadual como respostas as demandas colocadas pelo movimento homossexual. A de mais alto relevo é a implantação do Programa “Rio sem Homofobia”, prevista pelo Governo do Estado. Esse programa vem combinando diferentes esforços – Secretarias

---

<sup>10</sup>Hoje o DDH chama-se CERCONVITH, enfrentando problemas como falta de verbas e desestruturação, os serviços oferecidos por esse órgão encontram-se comprometidos em função de um certo descaso da Secretaria de Segurança (SESEG).

de Estado e Sociedade Civil -, na tentativa de construir soluções conjuntas a esse problema.

Um dos esforços mais prementes desse conjunto de proposições é o cumprimento da lei nº 3406/00<sup>11</sup>, que vem sendo desrespeitada em diferentes estabelecimentos comerciais. Outras medidas presentes no programa incidem basicamente sobre as políticas públicas de segurança. Uma das preocupações mais fundamentais é com a formação e aperfeiçoamento dos efetivos policiais por meio da mudança dos programas nos cursos de formação das Academias de polícia (ACADEPOL, APM e CFAP)<sup>12</sup>.

Quando indagados acerca do conhecimento desses serviços de atendimento a pessoa homossexual vítima de violência, todos os respondentes alegaram conhecer algum desses serviços, no entanto, quanto a fazer uso deles, mostraram-se reticentes em relação à eficiência desses programas.

Mesmo no meio universitário, onde o acesso à informação é facilitado para aqueles que sofrem algum tipo de violência, não se possui uma “cultura de denúncia” dos casos às autoridades, seja pela descrença que contamina todos os setores sociais, em particular aqueles mais marginalizados e estigmatizados socialmente, seja pelo medo de que se torne pública sua homossexualidade<sup>13</sup>.

Ao longo do texto fomos levados a perceber que os dados gerados pelas entrevistas mostram continuidades e descontinuidades com as pesquisas que trabalham a questão da violência contra os homossexuais em espaços de trato público, com particular atenção a chamada ‘juventude homossexual’. A questão da visibilidade, ou seja, a expressividade da orientação sexual é um ponto chave para a compreensão dessa lógica. Podemos perceber que os conflitos são basicamente gerados pelo reconhecimento da homossexualidade no ‘outro’, que passa, a partir de então, a ser alvo das mais variadas formas de agressão que chegam ao ápice pela anulação completa do mesmo, ou seja, a sua morte.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS:

---

<sup>11</sup> Esta lei foi considerada a primeira lei da América Latina contra a discriminação e humilhação de pessoas por sua orientação sexual. Criada pelo Deputado Estadual Carlos Minc, penaliza, com multas e até interdição, estabelecimentos públicos e privados, como locais de trabalho, hotéis e restaurantes, que derem tratamento diferenciado a homossexuais. Responsabiliza autoridades por omissão. Depois de um ano e muita luta, foi regulamentada. O Hotel Plaza, de Niterói, impediu o ingresso de um casal gay. Depois de manifestação e multa, foi obrigado a fornecer duas diárias grátis. Criamos a Frente Parlamentar pela Livre Expressão Sexual e apoiamos as grandes paradas para que o Rio deixe de ser um dos recordistas de violência contra homossexuais (Informações do site [www.minc.com.br](http://www.minc.com.br)).

<sup>12</sup> A mudança dos conteúdos programáticos desses cursos viria da necessidade de inclusão da temática GLBTT nas disciplinas de Direitos Humanos oferecidas pelas Academias de Polícias quanto à formação de suas praças e oficiais. Hoje esse currículo conta com 40 horas-aula para essa disciplina, reivindica-se 10% dessa carga horária para a temática GLBTT.

<sup>13</sup> É importante ressaltar, que o medo associado a uma possível revelação da homossexualidade está presente, sobretudo entre os homossexuais mais velhos, como nos mostra os dados de Carrara (2004) acerca das vítimas da violência anti-gay. Compartilhamos a idéia do autor, em que esse medo vem se dissolvendo entre os homossexuais mais novos nos últimos anos demonstrando assim, uma capacidade maior dos mesmos em lidar com questões relativas à sua auto-identidade.

Apesar dos avanços obtidos nos últimos anos em relação ao campo das sexualidades, os centros de pesquisa ainda se mostram pouco sensíveis aos problemas sofridos pelas homossexualidades, sobretudo, a respeito dos homossexuais mais novos. Considerando a juventude homossexual como componente essencial de análise nos foi possível levantar algumas questões sobre esse grupo, bem como a violência em que estão expostos em espaços públicos.

Ficou evidente nas experiências desses jovens como todos, em maior ou menor grau, foram vítimas de violência (psicológica, física etc) por parte das mais diferentes pessoas. A rua pôde ser diluída em locais mais específicos que nos deu uma percepção mais completa dos locais onde esses jovens são costumeiramente vitimizados ao longo de suas trajetórias.

Fomos levados a crer que as situações de violência são motivadas em dois momentos possíveis de apreensão por parte do perpetrador. As agressões, ameaças de agressão e mesmo a violência física se colocam ora frente às demonstrações públicas de afeto entre pares homossexuais, ora frente a posturas individuais ou coletivas de condutas de gênero não compatíveis com o dimorfismo sexual.

Vimos que não apenas a rua oferece perigo para esses jovens, mas ainda o conjunto dos locais de sociabilidade estabelecidos além das fronteiras da casa. Nesse sentido, a porta da boite, a própria boite, assim como outros estabelecimentos comerciais, mesmo que de frequência marcadamente gay, são locais em que o preconceito se expressa por meio de diferentes formas de violência.

Não é menos desprezível, a participação cada vez mais assídua de grupos organizados que planejam e incitam a violência contra homossexuais, sobretudo mais jovens nesses espaços. O aumento do número de jovens presentes nesses episódios reflete uma certa tendência das estatísticas de violência no Estado, em que esse segmento social aparece como principal vítima e agente da violência urbana.

Considerando a especificidade da violência que atinge os homossexuais, podemos perceber que as estatísticas extra-oficiais obtidas em pesquisas<sup>14</sup> sobre violência anti-gay pelo país corroboram as estatísticas oficiais no que tange a faixa etária dos envolvidos nas situações de violência. Sendo assim, podemos afirmar que a violência anti-gay é fenômeno que envolve em sua existência a presença de jovens. Seja na condição de atores ou de vítimas da violência, esses jovens protagonizam esse tipo de violência.

---

<sup>14</sup> Vale ressaltar que, em termos de experiência de estudos sobre violência contra homossexuais no Brasil, dispomos basicamente de três formas diferentes de pesquisas no tocante à captação dos dados. Temos a coleta de informações de violência elaborada pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), onde os registros sobre vitimização de homossexuais são obtidos através da coleta de dados efetuada em todo o Brasil através de informações encontradas na mídia escrita (cf. MOTT e CERQUEIRA, 2003). Uma outra forma de captação desses dados de violência são as estatísticas consolidadas pelo Disque Defesa Homossexual (DDH), através das denúncias efetuadas pelo serviço de atendimento a pessoa homossexual, principalmente no Rio (cf. RAMOS, 2005). Por fim, temos as pesquisas de vitimização realizadas nas paradas do orgulho GLBT em algumas cidades brasileiras – Rio de Janeiro, São Paulo e Recife - que anualmente levam milhares de homossexuais às ruas como uma forma de resistência as atitudes repressivas da sociedade normativa (cf. CARRARA, 2003; 2005; 2006).

Esperamos, por fim, que nossa investigação sirva para fomentar um debate mais amplo acerca da violência sofrida por esses jovens nos espaços públicos. Esperamos, ainda, que nossas reflexões contribuam para fomentar o debate acadêmico acerca da violência sofrida por gays mais jovens e, ainda, salientar a importância da construção de políticas públicas, sobretudo na área de segurança pública que permitam que esses jovens desenvolvam a sua sexualidade sem o risco iminente de ter a sua vida interrompida.

## **REFERÊNCIAS:**

ALMEIDA NETO, Luiz Mello. **Um olhar sobre a violência contra homossexuais no Brasil**. Revista Gênero. , n. 1, v. 4, EDUFF, Niterói, 2003.

ARAÚJO, Carla. **As marcas da violência na constituição da identidade de jovens da periferia**. Revista Educação e Pesquisa, vol.27, n.1, São Paulo, 2001.

CARRARA, Sérgio, RAMOS, Sílvia e CAETANO, Marcio. **Política, Direitos, Violência e Homossexualidade: Pesquisa 8º Parada do Orgulho GLBT – Rio de Janeiro, 2003**. Rio de Janeiro, Pallas, 2003.

\_\_\_\_\_ e RAMOS, Sílvia. **Política, Direitos, Violência e Homossexualidade: Pesquisa 9º Parada do Orgulho GLBT – Rio de Janeiro, 2004**. CEPESC, Rio de Janeiro, 2005.

\_\_\_\_\_ et cols. **Política, Direitos, Violência e Homossexualidade: Pesquisa 9º Parada do Orgulho GLBT – São Paulo, 2005**. Rio de Janeiro: CEPESC, 2006.

CASTRO, Mary. **Resignificando sexualidade, por violências, preconceitos e discriminações**. In. Juventudes e sexualidade. UNESCO, Brasil, 2004.

DAY, Vivian Peres et al. **Violência doméstica e suas diferentes manifestações**. Revista de psiquiatria. Rio Grande do Sul, Abr 2003, vol. 25, suppl. 1, p. 9-21.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. Série Debates, Ed. Perspectiva, São Paulo, 1976.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. Editora Record, Rio de Janeiro, 1998.

FRY, Peter & MACRAE, Eduard. **O que é homossexualidade?** Ed. Brasiliense, Rio de Janeiro, 1991.

\_\_\_\_\_ “Da Hierarquia à Igualdade: A construção Histórica da Homossexualidade no Brasil”. In. **Para inglês ver. Identidade e política na cultura brasileira**. Zahar, Rio de Janeiro, 1982.

GREEN. James N. **Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do**

**século XX.** Ed. UNESP, São Paulo, 2000.

MALINOWSKI, Bronislaw K. **Introdução: tema, método e objetivo desta pesquisa.** In. Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. Ed. Abril Cultural, São Paulo, 1978.

MOTT, Luiz e CERQUEIRA, Marcelo. **Matei por que odeio gay.** Editora Grupo Gay da Bahia, Bahia, 2003.

MOVIMENTO D'ELLAS. **Direitos Humanos e contribuições à cidadania homossexual.** Rio de Janeiro, 2005.

O Globo. **Gay é espancado ao sair de boite em Niterói.** 06/12/2007.

RAMOS, Silvia. **Violência e homossexualidade no Brasil: as políticas públicas e o movimento homossexual.** In. GROSSI, M. P. et al. (Orgs.). Movimentos sociais, educação e sexualidades. Garamond, Rio de Janeiro, 2005.

\_\_\_\_\_ e CARRARA, Sérgio **A constituição da problemática da violência contra homossexuais: a articulação entre ativismo e academia na elaboração de políticas públicas.** Revista Physis, vol.16, Rio de Janeiro, 2006.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos; VOGEL, Arno e MELLO, Marco Antonio da Silva. **Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro.** 3ª Ed, São Paulo: Projeto FINEP/IBAM, 1985.